

## Nota editorial

Nesta décima edição da revista *ContraCorrente* buscou-se reunir textos oriundos de pesquisas científicas com temáticas que evidenciam as dinâmicas culturais dos povos indígenas na contemporaneidade. A literatura acerca dos povos indígenas do Brasil, especialmente a partir dos trabalhos produzidos por historiadores e antropólogos na década de 1990 do século XX, sofreu uma reviravolta em termos qualitativos, sobretudo, em função da valorização da “agência” indígena. Grosso modo, por esta perspectiva, que posteriormente sofreu um salto quantitativo (forte incorporação nos programas de Pós-graduação do país), passou-se a reconhecer os povos indígenas como partícipe na construção das sociedades colonial, imperial e republicana; retirando-os da condição de agentes sociais passivos, vítima da violenta expansão ocidental, ou essencialmente exterior à sociedade não indígena.

Esse novo cenário foi essencial para que as novas pesquisas acadêmicas sobre a temática visibilizassem a atuação dos indígenas em suas relações com os estados (colonial, imperial e republicano) ou com as sociedades exteriores, destacando as influências mútuas e a interdependência entre políticas indígenas e indigenistas. Na esteira destas transformações, esta edição da revista *ContraCorrente*, que tem como tema “Processos de territorialização, organização político-cultural e dinâmicas dos povos indígenas na pan-amazônia: aspectos históricos e antropológicos do passado-presente” reuni trabalhos com abordagens sobre os povos indígenas da Amazônia, sejam no passado ou na atualidade, nos mais variados aspectos: reelaborações de suas culturas e identidades; interação com o estado ou sociedade não indígena; educação escolar indígena, entre outros, evidenciando os povos indígenas como protagonistas nos distintos processos interculturais no contexto contemporâneo.

A composição desta décima edição é composta por nove artigos e uma entrevista concedida pelo professor doutor Renan Freitas Pinto, importante pesquisador sobre a Amazônia e que vive a Amazônia em suas múltiplas dimensões. Na entrevista, o foco é produção de conhecimentos sobre a Amazônia, cerne dos estudos do autor, mas também a sua própria história enquanto pesquisador, e, ainda, a urgência em se estabelecer diálogos interdisciplinares nos novos estudos sobre a região. Quanto aos artigos, o que abre as discussões intitula-se *Toponímia das terras indígenas Apurinã (Aruák)*, assinado por Tânia Hachem Chaves de Oliveira e Sidney da Silva Facundes. Nesse artigo os autores apresentam uma análise da toponímia das Terras Indígenas Apurinã localizadas nos afluentes do rio Purus, no sudeste do estado do Amazonas. Os achados da pesquisa evidenciam que nas classificações morfológicas dos topônimos há grande incidência de denominativos nas línguas indígenas, havendo maior escala em relação aos relativos à língua portuguesa,

fato que os leva a concluir uma preferência/preservação nas escolhas dos nomes das Terras Indígenas Apurinã, por seu povo, em sua própria língua, mostrando a resistência histórica frente aos processos de imposição cultural, particularmente no âmbito da formação escolar dos mais jovens.

No segundo artigo, *Da invisibilidade indígena à luta pelo território: o processo de afirmação da identidade étnica dos Borari de Alter do Chão*”, os autores Rossini Pereira Maduro (Indígena do Povo Borari) e Jocilene Gomes da Cruz, analisam o processo de afirmação da identidade étnica dos Borari de Alter do Chão, município de Santarém, região Oeste do estado do Pará, visando problematizar a trajetória da construção dessa afirmação identitária, iniciada após conflitos pela posse territorial no ano de 2003. Os resultados apontam que o processo de afirmação da identidade indígena dos Borari de Alter do Chão provocou uma alteração na configuração social dessa região, quando se acreditava na extinção dos Borari como grupos socioculturalmente organizados, podendo, ainda, estabelecer uma reconfiguração territorial, a partir da demarcação dos territórios reivindicados pelos Borari.

O terceiro artigo, *Representação geográfica indígena: uma reflexão sobre a produção cartográfica do povo Assurini do Trocará/PA e do Povo Tembé do Gurupi/PA*, de autoria de Elson Mateus Monteiro Sousa e Joelma Cristina Parente Monteiro Alencar, apresentam a produção cartográfica indígena relacionando-a ao ensino de geografia na educação escolar indígena dos povos Assurini do Trocará e Tembé do Gurupi, habitantes da Terra Indígena Trocará e da Terra Indígena Alto Rio Guamá, respectivamente, localizadas no Estado do Pará. Os autores concluem, a partir da análise dos materiais coletados, que a produção cartográfica destes povos se constitui em um componente essencial no ensino de geografia desenvolvido nas escolas indígenas de ambas as comunidades, corroborando o previsto na seção destinada ao ensino de Geografia no Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas (RCNEI).

O quarto artigo, cujo título é *Essa cultura que a gente tem é nosso trabalho: organização política e cultural das mulheres artesãs Ticuna do Alto Solimões-Amazonas-Brasil*, das autoras Chris Lopes da Silva e Marília de Jesus da Silva e Sousa, traz uma análise sobre como as mulheres artesãs filiadas à Associação de Mulheres Artesãs Ticuna da comunidade de Bom Caminho assumem o protagonismo, ressignificando a produção tradicional de cestarias em uma economia de mercado por meio do engajamento político, cultural e econômico das mulheres associadas. De acordo com os achados da pesquisa, as cestarias, especialmente o pacará simples e o abajur, refletem os sinais diacríticos do povo Ticuna e apresentam a gama de conhecimentos tradicionais produzidos e reproduzido pelas mulheres ao longo de várias gerações como gestão de uma produção para o mercado.

No quinto artigo assinado por Emerson Daniel de Souza Targino e Adria Simone Duarte com o título *Estudo reflexivo*

do currículo UEA/PARFOR para a formação de professores indígenas na tríplice fronteira entre Brasil, Peru e Colômbia, problematizam o currículo para a formação de professores indígenas da Universidade do Estado do Amazonas – PARFOR, desenvolvido em São Paulo de Olivença, Amazonas. Os resultados demonstram que a proposta de PPC para o curso de Pedagogia Intercultural tem como base os princípios da educação escolar indígena: comunitária, diferenciada, intercultural, específica e bilíngue, entretanto, há alguns paradoxos, pois, o Projeto Curricular foi estruturado por meio da Resolução 02/2015, que trata das Diretrizes Curriculares para a Formação de Professores em Nível Superior (não indígena), fato que acarreta limitações para que a formação seja de fato exitosa.

Seguindo na mesma linha da educação escolar indígena, apresenta-se o sexto artigo, *Hibridismo Cultural e Linguístico: Cenário das Línguas em Contato na Escola Yapiuna Kokama*, das autoras Amanda Ramos Mustafa e Marileny de Andrade de Oliveira, que trazem um estudo sobre o espaço cultural Yapiuna Kokama, localizado no Parque das Tribos, comunidade indígena multiétnica com mais de 20 etnias localizada na zona oeste da cidade de Manaus-AM. O objetivo foi investigar como acontece o hibridismo e o compartilhamento da cultura e língua étnica dentro desse espaço de aprendizagem, no qual se reúnem alunos de diferentes grupos étnicos para estudar a língua e a cultura Kokama. Os dados da pesquisa mostraram que os alunos encontram na escola um ambiente de aprendizagem e trocas, nele tanto “aprendem quanto ensinam”. Assim, as culturas se entrelaçam dando origem ao hibridismo cultural e linguístico, afetando diretamente a identidade étnica desses alunos cidadãos.

Adentrando nos estudos sobre as representações sociais e o imaginário sobre a Amazônia, apresenta-se o sétimo artigo, *O antagonismo da entidade-rio no imaginário construído em Histórias do Rio Negro*, de Vera do Val, tendo como autores Jandir Silva dos Santos e Cássia Maria Bezerra do Nascimento, que analisam os contos *Águas*, *A cunhã que amava Brad Pitt*, *Curuminha* e *Rodamundo*, presentes na obra *Histórias do rio Negro*, de Vera do Val. Os autores mostram as configurações do imaginário sobre o referido rio, sua natureza transcendental que desafia os seres humanos e produz relações antagônicas. Uma narrativa que traz resíduos do imaginário greco-romano, cujas narrativas, evidencia os “conflitos entre homens e deuses-rios, e das vitórias dos mortais sobre tais entidades”.

Seguindo na esteira das discussões do artigo anterior, o oitavo artigo, *Tipos sociais em Percy Lau*, Samuel Benchimol e Mário Ypiranga Monteiro: breve análise sobre elementos de continuidade entre os classificadores, proposto por Diego Omar da Silveira, traz um texto que discute os elementos de continuidade nas obras do desenhista Percy Lau e dos pesquisadores/escritores amazonenses Samuel Benchimol e Mário Ypiranga Monteiro. O objetivo central foi apontar

como nos três casos os autores parecem trabalhar com classificadores comuns na compreensão dos tipos sociais amazônicos, concluindo que apesar dos inúmeros processos de dinamização e modernização da Amazônia, ainda são naturalizados os conceitos, categorias, termos e noções operativas evocadas para tratar da Amazônia, em virtude do forte imaginário construído pela voz que falou/imaginaram a região, a partir de indicadores classificadores e (re)produtores de estereótipos.

O último artigo, Novas territorialidades em uma comunidade de agricultores no Médio Solimões, Coari- AM, dos autores Gleides Medins de Menezes e Pedro Henrique Coelho Rapozo, evidencia algumas práticas sociais vivenciadas por comunidades tradicionais da várzea do Médio Solimões, particularmente, na comunidade Nossa Senhora Aparecida da Costa do Juçara, localizada no município de Coari-Am. Os resultados da pesquisa mostraram que a utilização de tecnologias sociais construídas a partir dos saberes tradicionais e da apropriação da tecnologia convencional, possibilitou aos comunitários a produtividade na agricultura e mais qualidade de vida às famílias, especialmente pelo trabalho organizado em torno do cooperativismo e do associativo dos agricultores. Tais características possibilitou a configuração de uma identidade coletiva garantindo a posse da terra e o reconhecimento enquanto “Comunidade”.

A décima edição encerra com uma entrevista concedida pelo Professor Renan Freitas Pinto, que nos “Diálogos Interdisciplinares”, nos leva a “uma viagem às ideias de um intelectual amazônico”, mediado pelas pesquisadoras Marília de Jesus da Silva e Sousa, Ana Claudeise Silva do Nascimento e Verônica Lima Fernando. Na entrevista a viagem começa com a própria história de vida do pesquisador, a infância permeada por leituras, a formação acadêmica, a vinda para o Amazonas e a sua inspiradora trajetória intelectual, cuja grandeza se revela no legado às atuais e às futuras gerações de pesquisadores.

As discussões e reflexões empreendidas nos artigos e na entrevista ensinam contribuir com a construção de uma produção intelectual percorrida por caminhos decoloniais, viabilizando diálogos interculturais que evidenciem os diferentes agentes sociais, suas vozes e visões sobre si e sobre a(s) Amazônia(s), algo desafiante no contexto atual, quando ainda somos tomados por posicionamentos herdados de uma ciência cartesiana que insiste em se fazer presente na produção científica na contemporaneidade.

A todos e todas uma ótima leitura e que a décima edição da revista ContraCorrente possa inspirar novos textos. Até breve!

Manaus-Am, 2019.

Jocilene Gomes da Cruz (UEA/PPGICH)  
Rafael Ale Rocha (UEA/PPGICH)